



# A RAINHA NORMANDA

PATRICIA BRACEWELL

*Uma envolvente história sobre poder e  
amor proibido numa corte medieval*





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Lloyd, Andrew e Alan

## A corte anglo-saxã, 1001–1005

**Æthelred II, rei anglo-saxão da Inglaterra**

*Filhos do rei inglês, em ordem de nascimento:*

Athelstan

Ecbert

Edmund

Edrid

Edwig

Edward

Edgar

Edyth

Ælfgifu (Ælfa)

Wulfhilde (Wulfa)

Mathilda

### **Líderes da nobreza e do clero**

Ælfhelm, conde da Nortúmbria

Ufegeat, seu filho

Wulfheah, seu filho (Wulf)

Elgiva, sua filha

Ælfric, conde de Hampshire

Ælfgar, seu filho

Hilde, sua neta

Ælfheah, bispo de Winchester

Godwine, conde de Lindsey

Leofwine, conde da Mércia Ocidental

Wulfstan, arcebispo de York e bispo de Worcester

## **A corte normanda, 1001–1005**

**Richard II, duque da Normandia**

Robert, arcebispo de Rouen, irmão do duque

Judith, duquesa da Normandia

Gunnora, duquesa viúva da Normandia

Mathilde, irmã do duque

Emma, irmã do duque

## **A família real dinamarquesa**

**Swein Forkbeard, rei da Dinamarca**

Harald, seu filho

Cnut, seu filho

# Glossário

**A Cruz:** cruz na qual Cristo foi crucificado.

**Ætheling:** literalmente, “merecedor do trono”. Todos os filhos legítimos dos reis anglo-saxões eram chamados assim.

**Augurar, vaticinar:** prever baseando-se em sinais e presságios.

**Bailio:** homem com responsabilidades administrativas empregado por famílias reais, bispos e nobres para supervisionar cidades, aldeias e grandes propriedades.

**Braies:** termo francês para calções, ou *bragas*, feitos de linho.

**Breecs:** termo anglo-saxão para calções, ou calças, amarrados abaixo do joelho.

**Burb:** fortaleza anglo-saxã.

**Byrnie:** túnica, cota de malha.

**Calendas:** o primeiro dia do mês no antigo calendário romano, que sempre caía num dia de lua nova.

**Capa de asperges ou capa magna:** paramento eclesiástico, em geral de seda e profusamente bordado; parecia-se com um manto comprido.

**Casula:** paramento eclesiástico, manto sem mangas que cobre o corpo e os ombros, em geral ricamente bordado, usado por cima de uma túnica branca e comprida durante a celebração da missa.

**Ceap:** o mercado, ou rua principal (onde fica o comércio).

**Chausses:** palavra em francês antigo que significa meia colante e comprida.

**Conde:** nobre de posição elevada indicado pelo rei para governar uma província em seu nome. Liderava tropas, arrecadava impostos e cuidava da aplicação da justiça. Era uma posição política em geral concedida a membros de famílias poderosas.

**Corredor de guarda-ventos:** vestíbulo situado imediatamente à entrada de um grande salão ou cômodo semelhante, criado por anteparos móveis que bloqueavam a penetração de correntes de vento no ambiente quando as portas eram abertas.

**Culver:** palavra anglo-saxã que significa pombo.

**Cyrtel:** tipo de vestido feminino.

**Danelaw:** área da Inglaterra que compreende aproximadamente Yorkshire, Ânglia Oriental, Mércia Oriental e Mércia Central, na qual ondas sucessivas de escandinavos se estabeleceram ao longo dos séculos IX e X.

**Enviados:** criaturas malévolas ou desagradáveis enviadas por alguém com poderes mágicos para advertir, punir ou vingar; da tradição nórdica antiga.

**Escarpa:** inclinação íngreme de terreno formada pelo rompimento da crosta da terra.

**Fyrd:** força armada mobilizada por ordem do rei ou de algum conde, normalmente para se defender de uma ameaça dos vikings.

**Gafol:** tributo pago a um exército inimigo para comprar a paz.

**Geld:** imposto arrecadado pelo rei, que usava o dinheiro para pagar o tributo exigido pelos invasores vikings.

**Godwebbe:** tecido precioso, muitas vezes de cor púrpura, em geral de seda; provavelmente um tafetá de seda furta-cor.

**Handfasting:** casamento ou noivado; sinal de compromisso num relacionamento sem cerimônia religiosa nem troca de propriedade.

**Headrail:** toucado feminino composto de véu, na maior parte das vezes usado com um diadema, aro ou faixa, mantido no lugar com grampos.

**Herepath:** estrada militar.

**Hird:** exército dos Homens do Norte; os inimigos dos ingleses.

**Hoste:** exército.

**Leman:** palavra em francês antigo que significa amante, concubina.

**Pennons:** estandartes, bandeiras.

**Pulses:** grãos comestíveis secos como ervilhas, feijões.

**Scop:** contador de histórias; harpista.

**Seax:** faca.

**Sezão:** qualquer doença com febre alta.

**Skald ou scald:** bardo ou contador de histórias.

**Taft:** jogo de tabuleiro popular na Inglaterra e na Escandinávia no início da Era Medieval, parecido com o xadrez moderno.

***Thegn* ou *thane*:** literalmente “aquele que serve a outro”; título que marca um relacionamento pessoal; os mais importantes serviam ao próprio rei; membro de posição mais elevada na sociedade anglo-saxã; arrendatário de terras com obrigações específicas devidas a seu senhor.

**Tratamento com sanguessugas ou ventosas:** arte da cura, praticada por curandeiros, rezadores, benzedeiros etc.; os médicos antigos.

**Tropas da Lareira (*Hearth troops*) ou domésticas:** guarda pessoal, guerreiros que protegiam a família do rei ou de algum grande senhor.

***Wain*:** termo arcaico para carroça, carreta rural.

***Wergild*:** literalmente “pagamento de homem”; valor estabelecido pela vida de uma pessoa.

***Witan*:** “sábios”; o conselho do rei.

***Wyrd*:** fado ou destino.





979 d.C. Nesse ano, o rei Edward foi assassinado em Corfegate, no décimo quinto dia antes das calendas de abril, ao anoitecer, e foi enterrado em Werham sem quaisquer honrarias reais. Não houve pior feito do que este desde que o homem chegou à ilha da Bretanha... Æthelred foi consagrado rei. Nesse mesmo ano, muitas vezes se viu o céu cor de sangue, mais evidente à meia-noite, como fogo em forma de nebulosos feixes de luz. Quando o amanhecer se aproximava, essa coloração aos poucos se desvanecia.

– *Crônica Anglo-Saxã*

# Prólogo

**Véspera da Festa de Santa Hilda, novembro de 1001**  
**Proximidades de Saltford, Oxfordshire**

Ela fez o circuito da clareira entre os carvalhos, três vezes ao redor e três vezes de volta, sussurrando feitiços de proteção. Houvera um presságio naquela noite: uma cortina de luz vermelha brilhara e dançara no céu da meia-noite como seda escarlate lançada contra as estrelas. Certa vez, no ano anterior ao de seu nascimento, uma luz como aquela tinha assinalado a morte de um membro da realeza. Agora certamente assinalava outra, e, embora sua magia não pudesse banir a morte, ela entrelaçou feitiços enquanto andava em círculos para afastar desgraças que pudessem cair sobre o reino.

Quando terminou sua tarefa, alimentou o fogo que ardia no centro do antigo anel de pedras que se erguia no meio da clareira e, sentando-se ao lado, esperou aquela que viria em busca de profecia. Antes que o sol se deslocasse pela grossura de um dedo no céu, a figura de uma mulher, oculta por manto e véu, surgiu na parte mais alta do terreno, a mão pousada na pedra-sentinela. Lentamente, ela desceu pela trilha através das árvores, passou pela dança dos gigantes e também veio sentar-se junto ao fogo, com prata na mão.

– Queria saber o destino de minha senhora – disse.

A prata mudou de mãos e, sem querer, a vidente vislumbrou um coração, partido e estéril, que amava com um amor sombrio e perverso. Mas a prata fora paga e, a um aceno seu, uma mecha de cabelo foi lançada às chamas. Ela procurou visões no fogo, e elas vieram em turba e atropelo até seus olhos doerem e seu coração ficar marcado.

– Sua senhora será unida a um senhor poderoso – decretou ela, afinal –, e os filhos dela serão reis.

No entanto, por causa das trevas naquele coração sobre o fogo, nada disse a respeito da outra, da dama que viria de longe, e dos dois fios de vida tão amarrados e emaranhados um no outro que seria impossível separá-los por uma vida inteira, ou para sempre. Não falou da terra verdejante que seria queimada e reduzida a cinzas nos dias vindouros, nem dos inocentes que morreriam, tudo pelo preço de um trono.

Haveria presságios no céu outra vez naquela noite, ela sabia, e, lá no alto, as estrelas chorariam sangue.



1001 d.C. Nesse ano houve grande comoção na Inglaterra em consequência de uma invasão dos dinamarqueses, que espalharam terror e devastação por onde passaram, saqueando, queimando e arruinando o país... Levaram grande quantidade de espólio para seus navios, e seguiram depois para a ilha de Wight e nada os deteve; nenhuma esquadra ousou ir por mar ao seu encontro; nem muito menos forças terrestres. Então, de todas as formas foi um tempo difícil, porque eles nunca paravam de cometer suas maldades.

— *Crônica Anglo-Saxã*

# Capítulo Um

24 de dezembro de 1001

Fécamp, Normandia

**S**e alguém tivesse mantido esse tipo de registro, o inverno de 1001 no noroeste da Europa teria entrado para a história como o mais frio e inclemente em 75 anos. No final de dezembro daquele ano, uma tempestade vinda do norte do Ártico se desencadeou com terrível velocidade, varrendo toda a Europa, mas se abatendo com maior violência sobre os dois reinos que se defrontavam às margens do mar Estreito.

Na Normandia, começou com uma queda brusca de temperatura e uma chuva gelada que banhou as preciosas árvores frutíferas no vale fértil do rio Sena. Rajadas de vento seguiram-se à chuva, arrancando frágeis galhos congelados e dispersando a promessa da colheita do verão seguinte sobre vastos campos cobertos de gelo. Durante um dia e uma noite inteiros a tempestade rugiu e, quando o pior passou, a neve fina caiu silenciosa como uma bênção sobre a paisagem assolada.

De dentro da abadia, os monges de Jumièges e de Saint-Wandrille contemplaram a perda de sua colheita de maçãs, curvaram as cabeças e rezaram para aceitar a vontade de Deus. Camponeses, encolhidos juntos para se aquecer em precárias cabanas de madeira e temendo que o fim do mundo tivesse chegado, rezavam por libertação. No recém-construído palácio ducal de Fécamp, onde o duque Richard e sua família estavam reunidos para comemorar a temporada da Natividade de Cristo, a irmã do duque, Emma, de 15 anos, calçou em silêncio suas botas pesadas por cima das meias compridas de lã grossa e torceu para não acordar a irmã – em vão.

– O que você está fazendo?

A voz de Mathilde, áspera e num tom de reprovação de irmã mais velha, veio do ninho espesso de cobertas da cama.

Emma continuou a puxar a bota.

– Vou às estrebarias, lá embaixo – disse ela.

Lançou um olhar de esguelha para a irmã, tentando avaliar seu humor. O cabelo castanho e fino de Mathilde estava preso numa trança apertada que conferia a ela um semblante repuxado, contraído, e intensificava a expressão carrancuda que ela dirigia à caçula.

– Não pode sair com essa tempestade – ralhou Mathilde. – Vai ficar doente.

Ela continuou a falar, mas foi sacudida por um repentino e violento ataque de tosse.

Emma aproximou-se dela, pegou na mesa ao lado da cama a taça de vinho misturado com água e deu à irmã para beber.

– Parou de nevar – disse, enquanto Mathilde dava um gole. – Vou ficar bem.

Além disso, ao contrário dela, Emma raramente ficava doente, refletiu. Pobre Mathilde. Era uma falta de sorte ela ser a única filha miúda, morena e propensa a doenças. Todos os outros filhos de sua mãe – oito no total – eram gigantes louros e vigorosos.

Quando Mathilde acabou de beber, Emma apanhou um xale que estava ao pé da cama e jogou-o por cima de sua cabeleira abundante, lustrosa.

– Vai ver aquele seu cavalo detestável, imagino. – A voz de Mathilde soou quase como um grunhido gutural. – Não vejo por quê. Sabe Deus que todas aquelas criaturas são tão bem cuidadas quanto crianças. É maldade sua me deixar aqui sozinha.

Emma, que amava a vida ao ar livre, adorava cavalos, cães e caçadas, e era mais feliz quando cavalgava pela costa normanda sob as altas falésias brancas do que em qualquer outra ocasião, achou melhor não tentar explicar o motivo de sua saída à irmã, que detestava todas aquelas coisas. Emma sentia pena por Mathilde estar doente e entediada, mas enlouqueceria se não pudesse respirar um pouco de ar fresco e ficar sozinha por algum tempo. As duas estavam trancadas juntas dentro de casa havia três dias.

Pegou uma pesada capa preta forrada de pele de seu gancho na parede e atirou-a sobre os ombros.

– Não vou demorar – falou.

Mathilde, no entanto, tinha pensado em outra objeção:

– E se aqueles marinheiros voltarem quando você estiver lá embaixo? Não pode ter certeza de que os brutos dinamarqueses não vão molestá-la se a encontrarem sozinha e desprotegida.

Emma prendeu o manto sob o queixo, pensando sobre o aviso.

O rei dinamarquês, Swein Forkbeard, tinha solicitado ao irmão dela abrigo de inverno para os navios na costa norte da Normandia, e o duque Richard, não querendo ofender o feroz rei guerreiro, concedeu-o. Para grande irritação de Richard, porém, o próprio navio de Forkbeard e cerca de outros dez haviam fundeado no porto de Fécamp fazia dois dias, obrigando seu irmão a convidar o rei para se juntar à sua família no palácio.

Forkbeard aceitara a oferta sem pestanejar e instalara-se no grande salão de Richard com vários de seus companheiros – guerreiros rudes, de rostos brutos, apenas minimamente civilizados apesar do ouro que ostentavam nos pulsos e braços.

Mathilde, acometida pela febre, não saía da cama. A mulher de Richard, Judith, que dera à luz poucas semanas antes, fizera o mesmo. Sendo assim, tinha sido a mãe de Emma, a duquesa viúva Gunnora, acompanhada apenas da filha mais nova, que oferecera ao rei a taça de boas-vindas quando ele entrou no castelo. A duquesa, apesar de ter orgulho de sua ascendência dinamarquesa e de seus laços de sangue com o trono daquele país, não alimentava ilusões a respeito de Swein Forkbeard. Apresentou-lhe Emma formalmente, depois a mandou se recolher a seus aposentos particulares junto com todas as outras moças.

Emma não lamentou ter que se retirar. Forkbeard a cumprimentou com olhos frios, ferozes e calculistas, e um aceno silencioso da cabeça. Seu olhar melancólico pareceu avaliá-la como se fosse não uma mulher, mas uma mercadoria passível de compra e venda – uma bugiganga que se pudesse adquirir no mercado em Rouen. Ela enrubescou sob aquele olhar fixo e repulsivo, e teve vontade de sair correndo dali. Mas obrigou-se a deixar o salão lentamente, o queixo erguido, consciente de todos aqueles homens do mar ao seu redor, que a esquadriavam com olhos impiedosos.

Eram sujeitos que ganhavam a vida com assassinatos e estupros, homens que tinham sido batizados em Cristo mas cujas almas ainda pertenciam a deuses pagãos, segundo o que ela tinha ouvido falar. Seus rostos sombrios, marcados pelas intempéries, haviam assombrado os sonhos de Emma naquela noite, e, como seus irmãos, ela desejou que Forkbeard e seus marinheiros

nunca tivessem aportado em Fécamp. Naquele dia, porém, os dinamarqueses não estavam no palácio.

– Os marinheiros foram ao porto para avaliar os danos causados pela tempestade nos navios. É provável que não retornem antes do anoitecer. Vou estar de volta muito antes disso, e prometo que lhe faço companhia até a hora de apagarmos as velas.

Com isso, saiu do quarto antes que Mathilde pudesse pensar em outras objeções.

O pátio encontrava-se deserto quando ela seguiu para as estrebarias, e o ar estava tão gelado que doía para respirar. Ela acompanhou a muralha, agarrando-se em suas pedras com uma das mãos enquanto pisava com cuidado na lama escorregadia e na neve semiderretida que fora revolvida por homens e cavalos.

Ange, a égua de Emma, branca como a neve, relinchou um cumprimento e a dona aninhou o rosto no pescoço do animal, aquecendo a face em sua grossa pelagem de inverno. Um momento depois, porém, escutou no pátio das estrebarias uma comoção que a deixou preocupada.

Seria possível que os homens tivessem voltado tão cedo? Nem todos, com certeza. Teriam feito muito mais barulho.

Escondendo-se atrás de Ange, Emma olhou para o largo portão e viu Richard e Swein Forkbeard levando suas montarias para as cocheiras. Sempre achou o irmão bastante alto, mas o rei dinamarquês o ultrapassava por meia cabeça. Eles tinham a mesma idade – ambos muito velhos, em sua opinião, pois Richard tinha nascido mais de vinte anos antes de Emma. O rei dos dinamarqueses, entretanto, com seus cabelos brancos e a comprida barba branca, que usava bifurcada e trançada, parecia muito mais velho. Havia uma severidade em Swein Forkbeard, uma crueldade no olhar duro que a assustava. Ele também intimidava Richard, ela não tinha dúvidas, embora ele disfarçasse isso sob uma capa de cortesia.

Ela não queria ter que cumprimentar o rei dinamarquês de novo, nem enfrentar a ira do irmão por encontrá-la ali, então se ocultou por trás de Ange para esperar que fossem embora. Não pareciam estar com pressa, apesar do frio. Richard, num dinamarquês hesitante, falava sobre o pedigree do cavalo do rei e dava o melhor de si para explicar o que tinha em vista ao criar aquela raça de cavalos.

Emma sorriu ao ver os esforços desajeitados do irmão para falar a língua

de Swein. Como todos os filhos da duquesa Gunnora, ele havia aprendido dinamarquês no colo da mãe. E, como a maioria de seus irmãos, abandonara a prática da língua ainda muito novo. Emma fora a única a adotá-la, e falava dinamarquês com tanta fluência quanto o frâncico, o bretão ou o latim. Chegou a aprender até um pouco do inglês falado pelos prelados que algumas vezes visitavam seu irmão, vindos do outro lado do mar Estreito.

Nem Richard nem seu irmão Robert, o arcebispo, tinham conhecimento desse dom de Emma para os idiomas, como sua mãe o chamava. Gunnora aconselhara a filha a manter em segredo sua notável habilidade. *Use-a para escutar*, dissera, *em vez de falar. Vai ficar surpresa com o que acabará descobrindo.*

Agora, Emma escutou e percebeu, com um sobressalto, que a conversa entre Richard e o rei dinamarquês havia passado da criação de cavalos para a criação de filhos.

– Uma aliança de casamento seria do interesse de ambos – disse Swein Forkbeard. – Tenho dois filhos que precisam de esposas. Uma de suas irmãs poderia servir, e você ganharia muito com essa união, eu lhe garanto. E não a aceitando, é claro que pode perder muito. – Ele fez silêncio por um momento e então disse, num tom de voz especulativo, provocador: – Quanto, eu me pergunto, estaria preparado para perder?

Emma cobriu a boca com a mão, chocada com a clara ameaça nas palavras de Forkbeard. O que ele faria? Enviaria seus homens por mar para assolar a Normandia a menos que Richard mandasse uma de suas irmãs para a Dinamarca a fim de se casar com um dos filhos de Forkbeard?

Ela prendeu a respiração, esperando a resposta de Richard.

– Minhas irmãs são jovens demais para casar.

As palavras atropeladas de seu irmão foram ditas de modo tão espontâneo que Emma se perguntou se ele teria entendido bem o que o rei dinamarquês dissera.

– A idade pouco importa – retrucou Forkbeard, dessa vez em tom amável. – Meu filho mais novo viu apenas dez invernos, mas, assim como seu irmão mais velho, ele já é um marinheiro e guerreiro qualificado. Quanto às suas irmãs – ele fez uma pausa e Emma torceu os dedos nervosamente na crina de Ange enquanto esperava que continuasse –, você deve tratá-las com mais rigor. Lady Emma me parece madura para a cama. Você deveria colocá-la para reproduzir agora, por um bom preço, ou acabará descobrindo que está tarde demais.

Emma sentiu o sangue lhe subir ao rosto, humilhação e raiva misturadas ao choque e ao medo. Richard certamente não concordaria em vendê-la para a Dinamarca! Era um lugar árido, selvagem, quase não cristão. A linhagem de sua família remontava às terras do Norte, mas isso ficara no passado. Não fazia parte de seu futuro. A Dinamarca era uma terra de homens ferozes governada por um rei cruel. Swein Forkbeard não tinha herdado a coroa; ele a conquistara numa batalha travada até a morte contra o próprio pai. Richard não podia permitir que ela se casasse e fizesse parte de uma família como aquela!

O sangue latejava em seus ouvidos, e Emma precisou se esforçar para ouvir a resposta de seu irmão a Forkbeard.

– Sua proposta é uma grande honra para a nossa família – disse Richard.  
– Deve compreender, é claro – prosseguiu ele, a voz suave e persuasiva apesar de seu dinamarquês truncado –, que um noivado é assunto delicado demais para ser resolvido às pressas. Há muitas coisas a serem consideradas e pesadas, e, como sabe, tenho duas irmãs. Ainda precisa conhecer a mais velha, que, por tradição, deve naturalmente ser a primeira a se casar.

Ela não escutou a resposta do rei dinamarquês, porque as vozes dos homens ficaram indistintas, substituídas pelo tilintar dos arreios quando os cavaleiros levaram os cavalos para as baias. Emma permaneceu plantada no mesmo lugar, o rosto enterrado no pescoço de Ange, os pensamentos num turbilhão.

A proposta de Swein Forkbeard devia ter grande importância para seu irmão. Richard era um realista. Ele iria considerar o sacrifício de uma irmã mais nova como um preço pequeno a pagar pela paz da Normandia com a Dinamarca. Seria terrível para a noiva, porém – banida para uma terra distante e hostil. Mathilde odiaria a possibilidade, tanto quanto Emma. Ela sentiu a garganta se contrair só de pensar naquilo.

Não, seu irmão não poderia fazer tal coisa com nenhuma das duas. Não iria mandá-las para tão longe. Ele havia casado as irmãs mais velhas com grandes senhores da Bretanha e de França, protegendo suas fronteiras e contribuindo muito para o enriquecimento de seu tesouro. Com certeza usaria Mathilde e Emma de maneira semelhante, pois as fronteiras da Normandia eram extensas e Richard precisava de aliados.

Mas Richard era ambicioso. Um casamento real, até mesmo com um filho do bárbaro Swein Forkbeard, aumentaria o prestígio de seu irmão por toda a

Europa. Forkbeard podia ser um guerreiro viking, não um rei cristão devoto, mas toda a Europa o temia, o que fazia dele um valioso aliado. Ela conseguia facilmente imaginar Richard cedendo a esse argumento, e temia o que ele poderia estar tramando com o rei dinamarquês em seus aposentos particulares.

Sussurrou algumas palavras carinhosas no ouvido de Ange e em seguida, com medo de que os homens de Forkbeard chegassem logo depois dele, voltou correndo para o palácio. Não contaria a Mathilde nada do que tinha ouvido. Sua mãe, com certeza, daria alguma opinião sobre o assunto, mas Emma ainda estava assustada por causa da irmã mais velha.

Uma pontada de ansiedade começou a fazer suas entranhas se contraírem. Ela não confiava em Richard.

## Capítulo Dois

25 de dezembro de 1001

Rochester, Kent

**N**a Inglaterra, naquele inverno, a violenta tempestade de neve cegou e enterrou inúmeros viajantes que foram apanhados nas chapadas de Wessex, mesmo estando a alguns passos de um abrigo. Perto de Durham, na Nortúmbria, foi tão grande a quantidade de neve que se acumulou no telhado de palha do salão de lorde Thorkeld que o teto afundou sob o peso, soterrando o velho nobre, sua família e seus criados, vinte pessoas ao todo. Na ilha de Wight, um vagalhão arrastou uma aldeia inteira para o mar. Em Devon, as cidades outrora prósperas de Pin-Hoo e Clyst, que tiveram as casas, as oficinas e os armazéns destruídos durante os ataques dinamarqueses no verão anterior, ficaram debaixo de 4 metros de neve, como se nunca tivessem existido.

No salão real em Rochester, Æthelred II da Inglaterra e seus conselheiros estavam à mesa para o banquete de inverno, envoltos em peles para se defenderem do frio cortante. Seu humor estaria azedo mesmo que o tempo estivesse mais ameno. Bebiam sua cerveja natalina com sombria determinação em vez de prazer, reunidos ali sem o estímulo da participação feminina. A mãe do rei, uma presença forte na corte por quase 25 anos, tinha rendido a alma a Deus pouco mais de um mês antes, em novembro, na Festa de Santa Hilda. A senhora esposa do rei, que entrara em trabalho de parto na véspera de Natal pela décima primeira e última vez, tinha exalado seu último suspiro na manhã de Natal. Seu corpo frio jazia sob o teto abobadado de madeira da capela do rei, pranteado por suas damas.

O bebê, nascido prematuramente e talvez sentindo sua perda, não encontrava conforto nos braços da ama de leite. Sempre que o rugido do vento e os resmungos intermitentes dos homens diminuía por um momento, seu grito fraco invadia o salão como o lamento de uma alma vagando entre o céu e a terra. As mulheres que cuidavam da criança balançavam a cabeça, com os lábios franzidos. O recém-nascido não pertenceria muito tempo a este mundo, calculavam, pois não queria mamar.

Os homens que faziam companhia ao rei na mesa principal pouco pensavam na criança e em suas perspectivas, pois Æthelred tinha filhos em abundância, vários deles já adultos. Ele precisava agora era de uma esposa, e estavam decididos a lhe encontrar uma, quisesse ele ou não. Não estavam de acordo, porém, sobre onde procurá-la.

O rei Æthelred, um homem assombrado pelo passado e preocupado com o futuro, estava sentado entre eles, o corpo alto inclinado por cima de sua travessa de prata e a mão direita segurando um chifre dourado cheio de bebida. Vinte e três anos no trono tinham cavado vincos em seu rosto, incomuns para um homem que ainda não tinha visto 40 invernos. Reveladoras mechas cinzentas em seu cabelo castanho evidenciavam as agruras de ser um governante, e o ângulo de inclinação de sua cabeça sob a volumosa coroa de ouro sugeria que ela era mais um fardo do que um ornamento.

Olhando para seus assessores com os olhos azuis claros como água, o rei estava bem ciente da linha de divisão entre eles no que dizia respeito às suas perspectivas matrimoniais. Os homens que possuíam terras no norte do país, liderados por Ælfhelm, conde da Nortúmbria, insistiam que se casasse com Elgiva, filha de Ælfhelm – uma moça bonita e uma feiticeira tão ambiciosa, ele desconfiava, quanto seu pai. Uma união desse tipo fortaleceria o vínculo entre o rei e os senhores do norte, cuja lealdade a Ælfhelm e a cada um dos outros era de certa forma mais forte, Æthelred sabia, que a lealdade a ele próprio.

Os homens com terras no sul recomendavam que olhasse além do mar Estreito na direção da Normandia em busca de uma noiva. Case-se com a irmã do duque, diziam, e convença o irmão dela a se unir a Æthelred contra os dinamarqueses que saqueiam cidades e igrejas inglesas. Æthelred suspeitava que seria necessária uma boa dose de persuasão. Os vikings pagavam bem ao duque Richard para fundear seus navios na costa dele e negociar os produtos de seus saques no grande mercado de Rouen. Se Æthelred se casasse com uma das irmãs do duque – e caso selasse a aliança com bastante ouro –, Richard

*talvez* se dispusesse a impedir o acesso dos dinamarqueses a seus portos e assim deter a pilhagem nas costas inglesas por eles.

Ou, como Æthelred suspeitava, talvez não.

O burburinho no salão, abafado enquanto os homens enchiam a barriga, cresceu novamente depois que a refeição chegou ao fim e eles começaram a beber para valer. Æthelred fez sinal para seu copeiro vir encher seu recipiente de bebida em formato de chifre, depois recostou-se de novo na cadeira e fitou os homens a seu redor com uma expressão carrancuda, os olhos estreitados, fixando-se por fim em Ælfhelm, da Nortúmbria. O conde levantara-se de seu banco e agora confabulava, compenetrado, numa roda de nobres e religiosos. Tinha um rosto de traços marcados como uma escarpa castigada pelas intempéries e igualmente difícil de interpretar. Æthelred nunca fora capaz de decifrar os mecanismos sutis de sua mente por trás daquele rosto de pedra, mas apostaria metade de Wessex que naquela noite Ælfhelm estava angariando apoio para o casamento de sua filha com a Coroa.

E sem dúvida o conseguiria. Era costume o rei da Inglaterra escolher uma noiva em uma das famílias nobres do reino. A mulher de Æthelred e a mãe dele eram ambas filhas de senhores do norte. Os pais das duas, porém, certamente haviam sido mais flexíveis do que lorde Ælfhelm. O rei tinha a impressão de que Ælfhelm não era mortal, e sim feito de pedra. Æthelred não gostava nem confiava no homem, embora tivesse o cuidado de esconder isso. E, ao mesmo tempo que o rei sabia ser prudente manter seus inimigos por perto, parecia-lhe que o leito conjugal poderia estar perto demais para seu gosto. Ælfhelm tinha filhos homens, além de uma filha, e eles, como o pai, ansiavam pelo poder que lhes viria com um casamento real. Esse poder, combinado com a riqueza da família e a lealdade do norte, poderia lhe trazer problemas que moça nenhuma compensaria.

Quanto à moça, a última vez que o rei vira Elgiva ela completara 13 verões. Parecia muito mais velha, contudo, o corpo cheio e feminino, a boca de um vermelho voluptuoso de fruta madura. Era uma mulher que nascera para a cama, e caso tivesse mais idade ele poderia ter perdido a cabeça e ter lhe feito esse favor. Mas a juventude dela o detivera. Isso e a óbvia consciência que Elgiva demonstrava do poder que exercia sobre os homens haviam esfriado um pouco o ardor dele. Agora, aos 16 anos, rica e bonita, com parentes poderosos e terras de família que rivalizavam com as suas, se ele próprio não se casasse com ela teria de observá-la com cuidado. O homem

com quem ela se casasse não deveria ter pretensões ao trono, ou a coroa de Æthelred poderia estar em risco.

O rei tomou outro gole. Quanto às irmãs solteiras de Richard da Normandia, havia duas, era só o que ele sabia. No entanto, tinha algum conhecimento sobre Richard – um arrivista pretensioso que descendia dos invasores dinamarqueses que haviam dizimado os territórios do norte do reino frâncico e em seguida se estabelecido na área para criar cavalos e filhos. A linhagem de Richard não se comparava com a ascendência nobre de Æthelred, e, apesar de Richard ser cristão e denominar-se “duque”, era pouco mais do que um pirata dinamarquês. Na juventude, havia inclusive atuado como viking, atacando a costa irlandesa em busca de ouro e escravos, e sempre recebia drácares, as embarcações escandinavas usadas pelos vikings, em seus portos. Mesmo agora, dizia-se, havia navios dinamarqueses desse tipo, os porões cheios de butim inglês, abrigados ao longo da costa da Normandia. Assim, casar-se com uma das irmãs de Richard e fazer um filho com ela talvez fosse uma medida sábia. Poderia dar ao duque normando um interesse mais pessoal pela segurança da costa da Inglaterra.

Æthelred franziu a testa. Uma noiva normanda ofenderia os senhores do norte e os uniria com mais força – contra ele. Já casar-se com a filha de Ælfhelm e não com a moça normanda poderia desperdiçar talvez a única oportunidade de acabar com a ameaça viking ao seu reino. Havia perigo dos dois lados, norte ou sul. Casar-se com qualquer uma delas seria negociar com o demônio, e, se tivesse escolha, não faria nem uma coisa nem outra. Ele era o rei. Não queria mulher nenhuma em seu salão.

Deu outro longo gole no recipiente de bordas de ouro, mas o doce hidromel que deveria ter feito correr fogo em suas veias não o aqueceu. Pelo contrário: um calafrio, gelado como um mausoléu, serpenteou por seus braços e desceu como um dedo glacial por sua espinha. Um peso o oprimia, uma apreensão sombria e implacável, e ele murmurou uma maldição contra o enviado que sabia estar se apoderando dele e do qual não podia fugir. Sua visão desfocou-se numa névoa, os sons da festa cessaram e, de cada canto escuro, sombras fluíram em sua direção até alcançarem o estrado, quando então formaram uma escuridão pulsante diante dele. Do escuro, o rosto do irmão morto, olhos brilhantes e malignos, encarou-o.

Æthelred tentou rezar, praguejar, mas não conseguiu emitir nenhum som exceto o uivo silencioso e ininteligível que era a voz do pesadelo. O recipiente

escorregou de sua mão, mas ele não o escutou cair. Ouviu apenas um lamento baixo, como o som do vento açoitando as falésias brancas acima do mar revolto. O ruído cresceu até lhe invadir o cérebro, e ele tentou gritar mais uma vez, agarrando a cabeça com as mãos enquanto outras mãos o seguravam e o negro fantasma à sua frente ondulava e afinal desaparecia.

Vozes alarmadas ressoaram em seus ouvidos e alguém levou uma taça à sua boca, insistindo que bebesse, mas ele atirou o recipiente longe e desven-cilhou-se das mãos zelosas. Desesperado para distraí-los, pediu música e foi recompensado pelo dedilhar de uma harpa e pelos cânticos de seu *scop*, o contador de histórias.

Os homens voltaram aos seus lugares, mas, quando Æthelred lançou um olhar furtivo pelo salão, os olhos que encontraram os seus mostravam cautela e perturbação. O que pensavam ter visto? Um rei embriagado, afogado em bebida? Um homem tomado pela tristeza da morte de sua mulher?

Melhor do que um rei assombrado pelo fantasma do irmão.

Era a terceira ocasião em que a coisa que fora o seu irmão aparecia daquela maneira à sua frente, encarando-o com um brilho úmido nos olhos. Ele o vira pela primeira vez um mês antes, pairando como um pássaro monstruoso acima de sua mãe moribunda. Três dias depois, quando Æthelred acompanhava o corpo da rainha viúva para seu último lar, na Abadia de Wherwell, vislumbrou o rosto de Edward fitando-o, uma sombra mais escura em meio a todas as outras da capela. Agora ele aparecera de novo para atormentá-lo. Seria seu *wyrd*, sua sina, receber sempre a visita desse irmão morto, agora que, das pessoas que o tinham visto morrer, só restava Æthelred vivo?

O que atraía os mortos e os fazia virem andar entre os vivos? E o que seria preciso para mandar a coisa de volta para seu túmulo?

Seus pensamentos se desviaram para sua mulher morta, Ælfgifu, que jazia fria e imóvel em seu ataúde. No dia seguinte, levaria o corpo dela de navio para seu local de repouso na Abadia de Minster. Será que o espectro do irmão estaria esperando-o lá, como fizera em Wherwell? Estremeceu ao pensar. À noite, rezaria pedindo redenção, imploraria a Deus por misericórdia e perdão pela morte de Edward. Rogaria até pelo repouso da alma de sua mãe, apesar de não ter dúvidas de que ela estava experimentando todos os tormentos do inferno.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)